

Stephen Kanitz

Família acima de tudo

Descubra o verdadeiro valor das
pessoas mais importantes de sua vida



THOMAS NELSON BRASIL

Rio de Janeiro – 2009

SUMÁRIO

Introdução: Primeiro, faça este teste	9
1. Assuma a responsabilidade pela sua família	15
2. A evolução da família	26
3. O prazer de ter filhos	47
4. Cuidando do bebê	52
5. Curtindo as crianças	62
6. Convivendo com os adolescentes	70
7. Não é fácil ser pai	82
8. A autoestima de nossos filhos	90
9. Respeite a sua família	95
10. Criando exemplos	102
11. Estabeleça limites	108
12. A educação dos filhos	113
13. Conciliando trabalho e família	118
14. A importância da segurança financeira	136
15. Preparando os filhos para o voo solo	150

16. O julgamento final	166
17. Empresas pró-família	170
18. O que nunca poderemos esquecer	173
19. A sua verdadeira alma gêmea	176
20. Qual será o nosso legado	181

CAPÍTULO 1

Assuma a responsabilidade pela sua família

NÃO CONTE COM O GOVERNO

DE TODAS AS INSTITUIÇÕES QUE herdamos de nossos antepassados, nenhuma está tão desmoralizada e fragilizada hoje em dia quanto a família. O amor dos pais pelos filhos e vice-versa era possivelmente uma das maiores fontes de felicidade na vida, mas, atualmente, em nove de cada dez famílias, ele é fonte de infelicidade para ambos.

“O fracasso da família em prover satisfação e prazer é uma das principais causas de insatisfação do mundo moderno”, afirmou Bertrand Russel em *A conquista da felicidade*, isso em 1930.

Steven Pinker, em *Como a mente funciona*, afirma que a nossa cultura moderna acredita que “a família é uma instituição patriarcal, criada para oprimir mulheres e minar a solidariedade de classe”.

O jornalista Ferdinand Mount, em *The Subversive Family* (1982), documenta como cada movimento político e religioso tem como objetivo minar a família, sempre vista como um concorrente em potencial.

Vejam, a seguir, portanto, o que a nossa Constituição de 1988 diz sobre o tema que nos interessa neste livro.

Se a ordem dos fatores revela prioridades de uma nação, a família brasileira e a instituição do casamento estão em péssima situação. Na carta magna brasileira, a família está em último lugar. É um dos capítulos da “Ordem Social”, o último conjunto de temas da Constituição da República Federativa do Brasil, Título VIII.

O Título VIII é constituído de oito Capítulos, o que trata da família é o sétimo. Antes disso a Constituição de 1988 discute:

1. a organização do Estado;
2. a tributação;
3. a ordem econômica e financeira;
4. a política agrícola;
5. a política urbana, e assim por diante.

Nossa Constituição, com seus 250 artigos, só começa a discutir a família no artigo 226. São 225 artigos mais importantes.

Posso até imaginar o debate na constituinte nos dias que antecederam a promulgação da Constituição:

“Já é quase meia-noite, acho que conseguimos colocar nesta nova Constituição todos os artigos que achamos necessários para nossa agenda política. Alguém acha que deveríamos acrescentar algum outro artigo?”

No Título VIII, antes de falar da família, nossos constituintes regularam primeiro:

Capítulo 1. Suas próprias aposentadorias.

Capítulo 2. Saúde.

Capítulo 3. Educação e esportes.

Capítulo 4. Ciência e tecnologia.

Capítulo 5. Comunicação social.

Capítulo 6. Meio ambiente, que provavelmente inclui o “mico preto.”

...e, finalmente:

Capítulo 7. Da família, da criança, do adolescente e do idoso.

Em último lugar vem...

Capítulo 8. Dos índios.

Você, pai de família, tem uma Constituição feita para defender os interesses de todo mundo antes dos seus. Lembre-se sempre disso. Você está sozinho no mundo, sua família está desamparada; portanto, não a abandone como tantos outros têm feito.

Vejamos agora alguns artigos.

Artigo 226. “A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado.”

Redigido dessa forma, você imaginaria que ela deveria ter sido o primeiro artigo da Constituição. Se ela é a base da sociedade, por que ela não é a base da nossa lei máxima?

Por que só agora, no finalzinho, nos avisam que é a família a base de tudo que veio escrito antes? Dá para acreditar?

Por que não começaram com “Artigo 1. A família é a base da sociedade”?

Artigo 226 § 5º: “Os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal são exercidos igualmente pelo homem e pela mulher.”

Quem já teve família e fez um curso de administração sabe que sociedades que têm dois sócios 50%/50% muitas vezes ficam paralisadas, decisões não são tomadas, estabelecendo-se um xeque-mate eterno.

Se toda decisão de família for meio a meio, marido e mulher — uma conquista feminista e justa sem dúvida alguma —, deveríamos ter colocado alguma indicação de como conflitos na família deveriam ser resolvidos quando homens e mulheres não concordarem entre si. Afinal, nesses casos “alguém tem de ceder”.

O texto constitucional de 1988 não contemplou o óbvio. Um advogado de família, um mediador familiar, teria colocado um artigo adicional como: “Em caso de total impasse entre marido e mulher, será criado um ‘conselho arbitral de família’ composto de irmãos, primos, pais e avós, que decidirá o melhor curso a ser tomado, ou, na impossibilidade de algum deles, uma câmara arbitral familiar, a ser regulamentada por lei ordinária.”

Uma família bem administrada precisa saber como lidar com os obstáculos criados pela nossa Constituição. Por exemplo, em um impasse sobre em que colégio as crianças devem estudar, quem de fato decide?

Uma solução possível seria a que apontamos há pouco: a existência de um mediador familiar ou de um conselho arbitral de família. Outra opção teria sido estipular alguns casos mais óbvios como: “Em caso de total impasse entre marido e mulher sobre o número de filhos que um casal gostaria de ter, a decisão final será sempre da mulher.”

Ou, se isso parecer feminista demais, poderíamos refazer o texto da seguinte forma: “O número pretendido de filhos deverá ser acordado antes do casamento, por ser uma decisão importante e crucial ao sucesso do casamento.”

Não perceberam que dar 50% de voto para a mulher só dá a ela poder para um impasse e não para tomar uma decisão?

Artigo 226 § 6º “O casamento civil pode ser dissolvido pelo divórcio.”

Quando uma separação ocorre, o que está sendo dissolvido não é o casamento, como muitos acreditam; o que está sendo destruído é a família. E, se a família está sendo dissolvida, por que os filhos não podem participar da decisão?

“A dissolução da família será decidida igualmente pelo homem, pela mulher e pelos filhos que os dois geraram.” Filhos são os que mais sofrem na separação.

Se seus filhos chegarem à conclusão de que eles ficarão mais infelizes com a dissolução da família do que com vocês continuando a manter o casamento, por que eles não têm os mesmos direitos de decisão? Por que a felicidade dos pais é mais importante do que a felicidade dos filhos? Por que pensaram nos pais que votam nas eleições para deputados, mas não pensaram nos filhos, que não votam?

Uma reformulação possível para o texto do artigo citado seria: “Divorciados deverão preferencialmente constituir nova família na mesma cidade, a fim de não cortarem subitamente os laços com os filhos da família dissolvida pelo divórcio.”

Ou ainda: “Pelo sofrimento emocional que os filhos do primeiro casamento irão enfrentar, o casal terá de indenizá-los com no mínimo 10% dos seus rendimentos até que eles cheguem à maioria

dade. A indenização poderá ser usada para tratamento psicológico, remédios contra depressão ou simplesmente para gratificação compensatória.”

E, como se a hipocrisia não fosse já suficiente, leiam o próximo artigo sobre proteção da família:

Artigo 226 § 7º “[...] O planejamento familiar é livre decisão do casal, competindo ao Estado propiciar recursos educacionais e científicos para o exercício desse direito [...]”.

Esse artigo, no mínimo, está na seção errada porque, na verdade, trata da “não” família.

Artigo 229. “Os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos menores, e os filhos maiores têm o dever de ajudar a amparar os pais na velhice, carência ou enfermidade.”

Como é que é? Não criaram uma aposentadoria pública e uma saúde pública nos parágrafos anteriores justamente para que os velhos *não* fossem um peso para a geração mais jovem? Por que agora os filhos devem amparar os pais na velhice se temos aposentadoria e saúde públicas para idosos? Amor é para frente, não para trás. O tempo em que filhos eram criados para sustentar os pais na velhice há muito foi denunciado como trabalho infantil. Entre os pais ajudarem os filhos ou os filhos ajudarem os pais, a escolha no mundo biológico e animal é bem clara. Pais tiveram sua vida, filhos ainda têm a vida pela frente.

Não casar e não formar família também não é a solução, como muitos jovens têm concluído em função da falta de emprego e das perspectivas que a velha geração deixa transparecer.

Nossos antepassados passaram por problemas maiores, foram também oprimidos por sistemas políticos e quase dizimados por falta de dinheiro e comida.

A saída para as dificuldades atuais é criar um ambiente seguro para os filhos e protegê-los.

NÃO CONTE COM A AJUDA DA SOCIEDADE

Ao me preparar para escrever este livro, pesquisei em vários sites da internet — em especial no da Amazon.com — o que já havia sido escrito até então sobre o tema pelos grandes filósofos da nossa história.

Encontrei escassa literatura sobre como cuidar de uma família. Temos mais livros sobre psicanálise, sociologia, história e economia do que a respeito de como cuidar da própria família.

Por que será?

Muitos dos nossos líderes espirituais não tiveram família nem filhos. Jesus Cristo não teve filhos. Buda e Lao Tsé abandonaram suas famílias. Jean-Jacques Rousseau, considerado o pai da educação, considerou-se incompetente como pai e entregou seus filhos a um orfanato. A partir dessa experiência, defendeu o início da educação pública para garantir que seus próprios filhos fossem educados pelos pais dos outros.

Rousseau iniciou um enorme e perigoso movimento de *terceirização da educação*, no qual, atualmente, bilhões de reais são gastos e desperdiçados para que outros adultos possam educar seus filhos, com valores, ideias e conceitos que vocês sequer determinaram, não ajudaram a definir e dos quais nem mesmo tomam conhecimento.

Existem autores e sociólogos que chegam a afirmar que a família nunca existiu. Citam estatísticas que mostram que na Inglaterra de 1925 havia somente 5% de famílias no sentido estrito do termo.

Nesse mesmo espírito, Ramsey indica que nos Estados Unidos havia, em 1978, somente 13% de famílias que poderiam ser descritas como tal. Já de acordo com Ricketts e Achtenberg, esse número cai para 7%. Ou seja, é dito que o conceito de família é a exceção e não a regra.

Segundo Steven Pinker, em *Como a mente funciona*,

Intelectuais têm defendido algumas teses assustadoras, de que a família é uma aberração histórica, totalmente ausente nos séculos passados e no mundo não ocidental.

Que nas sociedades primitivas o casamento quase não existiu e que os povos eram promíscuos e que não havia ciúmes. Que noivo e noiva não tinham como opinar no seu casamento. Que o amor romântico foi uma invenção medieval. Que as crianças eram vistas como miniadultos. Que os filhos morriam às moscas a tal ponto que as mães nem se abalavam e que a preocupação com a futura geração é uma invenção recente.

“Todas essas afirmações são falsas”, diz Pinker.

Assusta que uma expressiva parcela da nossa elite pensante tenha desenvolvido teses como essas. Foram esses mesmos intelectuais que defenderam com unhas e dentes o direito de divórcio sem culpa, o rito sumário de separação sem traumas, a terceirização da educação.

O microcrédito, o Bolsa Família, são entregues diretamente para a mulher, “porque homens não são confiáveis” — o que pode até ser verdade, mas é para isso que temos educação.

Procure entre duzentos livros que você, de família de classe média, deve ter acumulado ao longo da vida, e separe os que tratam das agruras de casais que gostariam de se separar, mas não se separaram pensando no bem-estar dos filhos. Achará poucos.

Agora, procure os livros que falam de filhos e filhas adotivos com madrastas e padrastos cruéis e insensíveis. Você deve ter uns cinco pelo menos, começando com o *best-seller Harry Potter*. Seus filhos devem ter *Cinderela*, *Pinóquio*, *Bambi*, *David Copperfield*, *Mogli — o menino lobo*, *A bela adormecida*, todos girando em torno de crianças que perderam suas famílias.

Aliás, se você quiser ficar rico, escreva daqui a uns cinco anos, quando Potter já estiver esquecido, um livro sobre algum filho abandonado pelos pais — você certamente terá muitos leitores.

Esse é o grande medo de toda criança e de todo ser humano: ser abandonado, não ter uma mãe que cuide, um pai que proteja; pais que ensinem o caminho da vida.

O século passado foi assolado por um movimento intelectual que atacou sem piedade a classe média tradicional, com seus valores de fidelidade no casamento, sexo como um mecanismo de prazer para manter o casal unido e não a busca do orgasmo pelo orgasmo em si.

Deve existir nessa mobilização uma agenda oculta, uma motivação não manifesta, porque não se pode esquecer que a família é a instituição mais socialista que conhecemos. A família segue *todos* os princípios marxistas, como, por exemplo, “de cada um segundo a sua capacidade, a cada um segundo a sua necessidade”.

Mães não cobram *royalties* dos filhos, não vendem leite para eles; tudo é feito por idealismo e altruísmo. Na família, a renda é de fato distribuída dos mais ricos para os mais pobres sem taxação nem políticas públicas de distribuição de renda.

Segundo Steven Pinker, toda ideologia, seja política ou religiosa, qualquer grupo político, seja de direita ou de esquerda, seja o nazismo ou socialismo, enfrenta um inimigo feroz. Trata-se da lealdade natural aos laços de família, conhecida pelas histórias dos movimentos nazistas e socialistas em seu início, de filhos e filhas

condecorados por traírem seus pais e suas famílias. Isso era importante na época, embora hoje nos choque profundamente.

Minar a lealdade entre familiares tem sido uma constante de todas as nossas instituições políticas, militares e até mesmo empresariais. Os governos militares nacionalistas não cansam de falar na pátria “mãe”. O partido Nacional-Socialista de Adolf Hitler conclamava os alemães a se sacrificarem pela terra-mãe, *Mutterland*.

Padres e bispos nos chamam de “filhos e irmãos”. Usam a terminologia da família para seus próprios interesses porque sabem que são palavras que nós valorizamos, e que seu uso confundirá e enganará a todos nós, levando-nos a mudar de lealdade.

Famílias alternativas não são famílias por definição; são alternativas à família. Mas, ao se apropriarem do termo, minam o próprio conceito de família.

Chame o conjunto de mãe solteira e filha de “Solmilha”, ou um nome qualquer, e a discussão fica mais difícil. Quem disse que as Solmilhas são tão felizes como as Famílias?

Você poderá até provar cientificamente que um Solmilha é tão eficiente quanto uma Família, mas isso precisará ser provado, o que não acontece se você usar o termo *família*. De fato, as famílias no passado nem sempre eram famílias no sentido moderno. Os filhos não podiam sequer conversar com os pais, e as filhas só podiam obedecer a seus pais, e nada mais. O diálogo nem existia.

Colocar a família em primeiro lugar fica extremamente difícil quando temos tantas pressões contra essa instituição. Pressões do governo, que retira da família 40% do que ganha para seu próprio sustento; da Igreja, que retira mais 10% da família como dízimo ou contribuição; das empresas, que tiram as melhores horas de todo pai e de toda mãe que trabalham.

Existem outras pressões mais escondidas e não tão óbvias agindo contra a família.

Falaremos adiante do enorme conflito entre colocar a empresa em que você trabalha em primeiro lugar *versus* a sua família — um conflito que angustia qualquer profissional, especialmente do sexo feminino.

Por mais de vinte anos, as empresas de aviação davam enormes descontos para quem voasse em um dia e voltasse somente sete dias depois, o que obviamente incluía o fim de semana. Diziam que era uma forma de dar descontos aos turistas.

Na realidade, tratava-se de uma forma de encarecer o custo da passagem de executivos que fizessem questão de voltar na sexta-feira para ficar com suas famílias. *Eles pagavam o dobro por colocarem suas famílias em primeiro lugar.*

Bancos exigem que tomadores de empréstimos obtenham aval de um parente da família, que presta um serviço ao banco sem receber nada em troca. Parentes, e especialmente pais, não recusam por conta de seus laços de família, e são justamente esses laços que são chamuscados ou rompidos quando ocorre uma inadimplência. Imobiliárias exigem um fiador da família, que novamente não recebe nada em troca por diminuir o risco do proprietário. Esses sistemas usam e abusam dos laços de família — sem se preocupar com os possíveis conflitos gerados a partir do estabelecimento desses laços contratuais entre parentes.

Temos uma legislação e uma Constituição que priorizam bancos e imobiliárias, em detrimento da preservação dos laços de família.